

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

LUIZA LORETO MESSIAS

**PIANOS SILENCIADOS? REALIDADES E PERSPECTIVAS SOBRE O USO
DO INSTRUMENTO PIANO EM TRÊS ESCOLAS DE BAGÉ (RS)**

Bagé

2025

LUIZA LORETO MESSIAS

**PIANOS SILENCIADOS? REALIDADES E PERSPECTIVAS SOBRE O USO DO
INSTRUMENTO PIANO EM TRÊS ESCOLAS DE BAGÉ (RS)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Música da
Universidade Federal do Pampa, como
requisito parcial para obtenção do Título
de Licenciada em Música.

Orientadora: Adriana Bozzetto

**Bagé
2025**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

M585p Messias, Luiza Loreto

Pianos silenciados? realidades e perspectivas sobre o uso
do instrumento piano em três escolas de Bagé (RS) / Luiza
Loreto Messias.

66 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, MÚSICA, 2025.

"Orientação: Adriana Bozzetto".

1. Piano nas escolas. 2. Música nas escolas. 3. Sociologia
da Educação Musical . 4. Instrumento piano. I. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Pampa

LUIZA LORETO MESSIAS

**PIANOS SILENCIADOS? REALIDADES E PERSPECTIVAS SOBRE O USO DO INSTRUMENTO
PIANO EM TRÊS ESCOLAS DE BAGÉ (RS)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Música da Universidade Federal
do Pampa, como requisito parcial para
obtenção do Título de Licenciada em Música.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 10 de dezembro de 2025.

Banca examinadora:

Profª. Dra. Adriana Bozzetto
Orientadora
(UNIPAMPA)

Profª. Dra. Lúcia Helena Pereira Teixeira
(UNIPAMPA)

Prof. Dr. André Müller Reck
(UNIPAMPA)



Assinado eletronicamente por **ADRIANA BOZZETTO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 19/12/2025, às 00:38, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ANDRE MULLER RECK, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 19/12/2025, às 10:08, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **LUCIA HELENA PEREIRA TEIXEIRA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 22/12/2025, às 11:46, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1933839** e o código CRC **D7D43D33**.

Referência: Processo nº 23100.006274/2025-46 SEI nº 1933839

Dedico este trabalho a meus avós e pais de coração,
Selma e Gustavo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família pelo apoio incondicional em todas as minhas etapas como graduanda. Principalmente aos meus avós Selma e Gustavo, que nunca mediram esforços para me proporcionar experiências educacionais, além do amor e cuidado diário que sempre recebi.

Agradeço ao meu companheiro, Bruno, pelo apoio e dedicação em todos os momentos, pelas conversas, caronas para a universidade e pelo carinho.

Agradeço à Júlia, minha amiga e parceira de graduação, que sempre esteve presente e que muito me ajudou nessa etapa final do Trabalho de Conclusão de Curso.

Agradeço à professora Adriana pelo carinho e dedicação ao meu trabalho e pelas vivências oportunizadas na universidade. Além de ser uma grande mestra, também se tornou uma grande amiga, que nunca mediu esforços para me ensinar e guiar.

Agradeço às professoras Lúcia e Ana Verusca, e ao professor André, pela parceria em constituir minha banca avaliadora.

Agradeço aos demais colegas e professores que participaram do meu processo de formação e que foram fundamentais para conclusão desse curso.

A vocês, todo o meu carinho e admiração.

“Sem a música, a vida seria um erro.”

Friedrich Nietzsche

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo conhecer e compreender o papel e o contexto do piano na comunidade escolar da cidade de Bagé (RS). A pesquisa buscou mapear os instrumentos, investigar suas histórias e identificar como são ou deixam de ser utilizados, além de interpretar como são percebidos pela gestão escolar. Como campo de estudo, participaram três escolas de educação básica, públicas e particulares, representadas por duas diretoras e uma coordenadora pedagógica. Ancorado na sociologia da educação musical e fundamentado em Souza (1996; 2002; 2014) e Bozzetto (2012), o trabalho procurou adotar um olhar atento e sensível aos contextos analisados e às entrevistas realizadas. A investigação foi desenvolvida dentro da abordagem qualitativa, com apoio de procedimentos quantitativos para o mapeamento das escolas bageenses que possuem o referido instrumento. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas nas instituições e, a partir da transcrição e análise das falas, foi possível compreender as realidades e desafios relacionados ao uso do piano na rotina escolar. As entrevistas evidenciam que as gestoras reconhecem a importância da música no desenvolvimento humano e sua importância para a comunidade escolar. Contudo, também apontam barreiras que dificultam um uso mais frequente dos instrumentos, como a falta de profissionais especializados em música e a ausência de verba ou investimento para sua manutenção. Nessa perspectiva, a pesquisa busca contribuir para a ressignificação do instrumento piano no ensino básico de educação, além de evidenciar a importância do professor de música nas escolas e a relevância do papel da gestão escolar para a mudança desses cenários.

Palavras-Chave: piano nas escolas; música nas escolas; sociologia da educação musical; instrumento piano.

ABSTRACT

This study aimed to understand the role and context of the piano in the school community of the city of Bagé (RS). The research sought to map the instruments, investigate their histories, and identify how they are or are not used, as well as interpret how they are perceived by school management. Three public and private basic education schools participated as the study field, represented by two principals and one pedagogical coordinator. Anchored in the sociology of music education and based on Souza (1996; 2002; 2014) and Bozzetto (2012), the work sought to adopt an attentive and sensitive approach to the contexts analyzed and the interviews conducted. The investigation was developed within a qualitative approach, supported by quantitative procedures for mapping the schools in Bagé that possess the aforementioned instrument. Semi-structured interviews were conducted in the institutions, and from the transcription and analysis of the statements, it was possible to understand the realities and challenges related to the use of the piano in the school routine. The interviews reveal that the administrators recognize the importance of music in human development and its significance to the school community. However, they also point to barriers that hinder more frequent use of instruments, such as the lack of specialized music professionals and the absence of funding or investment for their maintenance. From this perspective, the research seeks to contribute to the redefinition of the piano as an instrument in basic education, as well as to highlight the importance of music teachers in schools and the relevance of the role of school management in changing these scenarios.

Keywords: piano in schools; music in schools; sociology of music education; piano instrument.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Registro da participação do projeto de pianos nas ruas

Figura 2 - Gráfico de e-mails enviados

Figura 3 - Gráfico de respostas das escolas

Figura 4 - Gráfico das escolas contatadas por telefone

Figura 5 - Piano colorido (Escola 1)

Figura 6 - Piano acústico (Escola 1)

Figura 7 - Piano acústico (Escola 2)

Figura 8 - Piano do salão azul (Escola 3)

Figura 9 - Piano do salão verde (Escola 3)

Figura 10 - Piano da capela (Escola 3)

Figura 11 - Auditório (Escola 2)

Figura 12 - Salão azul (Escola 3)

Figura 13 - Salão verde (Escola 3)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	17
3. CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA DO ESTUDO.....	20
3.1 Etapas de realização do mapeamento das escolas.....	20
3.2 Mapeamento dos pianos existentes nas escolas públicas e privadas de educação básica de Bagé (RS).....	21
3.3 Processo de construção do roteiro de entrevista.....	24
3.4 As entrevistas.....	25
4. APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	28
4.1 Movimento do piano na escola.....	28
4.1.1 Os pianos e suas histórias.....	28
4.1.2 Espaços em que o piano fica na escola.....	32
4.1.3 Realidades e desafios para a manutenção do instrumento piano.....	34
4.1.4 O piano nas atividades e rotinas escolares.....	35
4.2 Possibilidades e desafios para o uso do instrumento piano na escola.....	37
4.2.1 Perspectivas para uso do piano nas escolas.....	37
4.2.2 Olhares sobre a importância da música.....	40
4.3 Caminhos e perspectivas.....	42
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS.....	48
APÊNDICES.....	50

1. INTRODUÇÃO

Aos 4 anos, quando estudava ballet no Instituto Municipal de Belas Artes - IMBA, já escutava sons de piano pelos corredores e que eram perceptíveis por toda a escola. Nos momentos de entrada e saída dos ensaios, na maioria das vezes, parava para observar e escutar as aulas de piano e ficava encantada com a beleza e sonoridade do instrumento. Contudo, quando tive a oportunidade de começar meus estudos musicais, mesmo cativada pelo piano, tive como primeira escolha o violão. Durante o breve período que fiz aulas, ao mesmo tempo em que praticava meus acordes, me perdia ao escutar as melodias executadas pelos alunos de piano na sala ao lado. Dessa forma, minha escolha pelo violão não foi um sucesso e acabei por desistir do instrumento, porém, como já estudava teoria musical, curso que era obrigatório e que me incentivou a encontrar um novo instrumento, percebi que aquele era o momento de dar uma chance ao piano.

A partir da minha primeira aula, o piano começou a fazer parte essencial na minha rotina e a vontade em evoluir no instrumento, se tornou constante. Com isso, como não o possuía em casa, ia ao IMBA após as aulas do colégio para praticar. Meus pais, ao verem minha dedicação possibilitaram que eu fizesse aulas tanto nesta instituição, quanto em um estúdio particular de minha cidade. Dessa forma, tive a oportunidade de vivenciar diferentes experiências musicais, além das aulas individuais de técnica e repertório, também participei de aulas coletivas, grupo de pianistas, projeto social e realizei apresentações em espaços não convencionais¹ na prática do piano.

Com o passar dos anos, meu interesse sobre os estigmas existentes acerca do instrumento piano começaram a despontar. Em meados do ano 2018, tive a oportunidade de participar em um projeto² de socialização do instrumento, que visava a interação, direta ou indireta, de transeuntes para com o piano. Através de improvisações guiadas a apresentações musicais, o instrumento era disponibilizado à comunidade, com intuito de proporcionar experiências musicais em que as pessoas pudessem experimentar suas sonoridades e explorar o piano livremente.

Contudo, minha concepção era de que, através do projeto mencionado, as pessoas se motivariam a tocar o instrumento de forma a se familiarizar. No entanto,

¹ Praças, feiras, Centro de idosos, ruas, entradas de galerias e museus.

² Projeto PianoForte, na cidade de Bagé (RS), coordenado por Cheisa Goulart.

fui observando e percebendo que ao invés de demonstrarem imediato interesse pelo piano, alguns participantes demonstraram insegurança e/ou ansiedade, muitas vezes ao ponto de nem querer tocá-lo. Essas reações me fizeram refletir acerca do “lugar” socialmente ocupado pelo instrumento e quanto este pode estimular ou inibir as possibilidades de contato das pessoas que o cercam.

Figura 1 - Registro da participação do projeto de pianos nas ruas



Fonte: Acervo da Autora (2018)

À vista disso, analisando brevemente essa relação da comunidade local com o instrumento, mesmo que através de um exemplo bastante circunscrito, passei a questionar sobre o quanto o piano era/é um instrumento elitizado e, na maioria das vezes, locado em espaços menos acessíveis à comunidade.

Nessa perspectiva, comecei a acompanhar projetos de outras cidades, que contemplavam o mesmo intuito de socializar o instrumento e de viabilizar o contato da população com este. Dentre várias iniciativas observadas, ressalto uma que foi desenvolvida fora da cidade de Bagé: O projeto Piano Livre³, na cidade de Porto Alegre. Pude acompanhar, pelas redes sociais, que o projeto disponibilizou pianos pelas ruas da capital gaúcha de forma a permitir que transeuntes experimentassem o instrumento. Contudo, observei pelos vídeos divulgados que algumas pessoas demonstravam interesse, enquanto outras, na maioria das vezes, paravam, olhavam, mas não tocavam. Esses comportamentos captaram minha atenção pelo

³ Este projeto foi desenvolvido pelo afinador Person Losekann em parceria com o StudioClio e Mata Hari, em 2015, na cidade de Porto Alegre, RS. O Projeto Piano Livre consistia em espalhar dez pianos customizados pelas ruas de Porto Alegre a fim de oportunizar experiências musicais à população. Estes pianos eram mantidos e afinados pelas empresas envolvidas e não eram cobrados valores para tais manutenções.

fato de se repetirem na maioria das práticas de socialização do piano que vivenciei ou acompanhei, tanto presencialmente, quanto virtualmente, e que alimentava meus questionamentos sobre qual a relação das pessoas que estão fora das escolas de música com o instrumento musical.

Na atualidade, como professora de piano e discente do curso de Música - Licenciatura da Universidade Federal do Pampa, tive novas oportunidades de vivenciar práticas sociais com o instrumento. Dentre elas, destaco as sessões do projeto de extensão Pianos Abertos, idealizado e ministrado pela professora Adriana Bozzetto. Nesses encontros, que visam a conexão entre escola e universidade, através de vivências musicais oportunizadas a estudantes de escolas bageenses, aconteceram várias situações que contribuíram para minhas reflexões. Uma destas, que ficou presente em minha mente, foi a imagem de alunos “nervosos” ao encostar no instrumento e, até mesmo, professores inseguros em experimentar o piano. Os participantes pareciam demonstrar curiosidade e certa ansiedade em como seria tocar em um instrumento novo e, para muitos, ainda pouco acessível.

A partir dessas observações, comecei a me questionar qual o papel do piano fora de seu contexto habitual e onde poderia encontrá-lo e acessá-lo de modo que pudesse compreender a relação das pessoas e do ambiente em que este se encontra. Com base em uma conversa com um aluno⁴, que expôs seu desejo em estudar piano durante o recreio de sua escola - a qual possuía um piano, mas que o mantinha inacessível aos estudantes -, foi possível refletir sobre a existência de pianos no contexto escolar na cidade de Bagé e que poderiam se encontrar na mesma situação da citada pelo meu aluno.

Nesse percurso, com o intuito de compreender mais profundamente essas realidades, as primeiras questões delineadas para a construção desta pesquisa são: De que maneiras esses pianos são vistos pela direção escolar? É possível que esses instrumentos tiveram/tenham algum protagonismo dentro da instituição? Por quais motivos, conforme me foi relatado, algumas escolas mantêm seus pianos fechados e, muitas vezes, sem manutenção? Por que deixou de ser utilizado? Como a comunidade escolar poderia usufruir musicalmente deste instrumento?

Nessa perspectiva, o estudo utiliza a expressão “piano silenciado” para representar aqueles instrumentos que se encontram em espaços onde são pouco

⁴ Aluno de aulas particulares de piano.

ou não utilizados e que, muitas vezes, se encontram desafinados, trancados e inacessíveis à comunidade que os cerca.

Justificativa para o estudo

A pesquisa mostra-se relevante por desvelar, no contexto restrito à cidade de Bagé, o lugar que o instrumento piano ocupa nas escolas participantes do estudo. Além disso, busca evidenciar os obstáculos que inibem ou impedem sua integração ao cotidiano escolar, considerando que o acesso a esse instrumento ainda é limitado a um grupo privilegiado de pessoas, o que o mantém associado à ideia de um instrumento de elite. Do ponto de vista acadêmico, observa-se um déficit de produção científica sobre a temática, o que contribui para a naturalização do silenciamento do piano fora dos estúdios, conservatórios, salas de concerto e escolas de música – espaços que, em muitos casos, podem refletir realidades semelhantes às reveladas pela presente pesquisa. Por fim, no campo da educação musical, este estudo pretende contribuir para a valorização do piano, trazendo à pauta a necessidade de sua revitalização e socialização nos espaços da educação básica.

Objetivos

O objetivo geral da pesquisa é conhecer e compreender o contexto do instrumento piano dentro da comunidade escolar da cidade de Bagé (RS). Como objetivos específicos: 1) Mapear os pianos existentes em escolas públicas e privadas de educação básica de Bagé (RS); 2) Investigar de que formas os pianos surgiram nas escolas e de quais maneiras são ou não utilizados e, por fim, 3) Compreender de que maneiras os pianos são vistos pela direção escolar.

2. REVISÃO DE LITERATURA

No processo de busca pela revisão de literatura acerca da temática, alguns textos foram localizados e serviram de amparo para a construção desta pesquisa. Não obstante, torna-se necessário salientar a falta de produção acerca do assunto, o que resultou no uso de outros materiais não vinculados ao tema diretamente, mas que convergem, em parte, com a temática abordada nesta pesquisa.

Nessa perspectiva, o primeiro texto selecionado foi da autora Adriana Bozzetto, intitulado “O projeto de extensão Pianos Abertos: experiências musicais conectando escolas e universidade”, apresentado no XXVI Congresso Nacional da ABEM, em 2023. Neste trabalho, a autora traz informações acerca do projeto de extensão Pianos Abertos, criado no ano de 2017 no contexto do curso de Música – Licenciatura da Universidade Federal do Pampa. Segundo Bozzetto (2023, p. 1-2), o projeto visa “aproximar o piano ao cotidiano de estudantes de escolas públicas, professores/as e diretores/as envolvidos/as” através de sessões musicais que acontecem na universidade ou em outros espaços, onde a comunidade escolar tem a oportunidade de conhecer e experienciar o instrumento piano. Neste contexto, as práticas fundamentam-se no processo de desconstrução do ideal de um “dom” para aprender piano, muitas vezes reforçado pela imagem elitista do instrumento. O projeto propõe o acesso de estudantes da rede pública de ensino ao instrumento, além de impactar na relação entre comunidade escolar e universidade pública, aproximando ambas instituições (Bozzetto, 2023).

Sob essa ótica, o artigo “Piano a 4 Artes vai à Escola”, dos autores Wellington Nonato dos Santos e Simone Marques Braga, publicado nos Anais da Jornada de Extensão da UEFS, em 2021, aborda a ideia de popularização do piano e seu diálogo com outras artes, através de performances em escolas públicas de Feira de Santana, na Bahia. Neste experimento, os autores utilizaram de repertórios que desmistificam o piano e a imagem intelectual que o cerca e, dessa forma, aproximando a comunidade com o instrumento. Além disso, os autores também enfatizam sobre o papel que a música pode desempenhar dentro da comunidade escolar e como pode se tornar uma ferramenta pedagógica que contribui para o desenvolvimento emocional, cognitivo e social dos alunos em diversas áreas de conhecimento (Santos; Braga, 2021).

Com isso, indo ao encontro direto do tema, o resumo intitulado “Desmistificando o Piano”, de Juliana Pedrini e Leonardo Marques, publicado no Salão de Eventos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2015), abordou os processos de tentativa de promover o acesso ao piano, em forma de projeto de extensão, através da disponibilização do instrumento no saguão de uma instituição escolar. Apesar da ligação com a minha temática escolhida, não foi possível encontrar o trabalho em sua totalidade, somente seu resumo publicado pelo repositório da universidade.

Com foco no instrumento órgão, Takahama (2015) pesquisou, em seu trabalho de conclusão de curso intitulado “O órgão de tubos da Igreja Nossa Senhora Auxiliadora de Bagé: contexto histórico e práticas musicais”, questões similares às da presente pesquisa ao investigar a motivação da construção e instalação do órgão da igreja, qual o seu estado atual de funcionamento e quais os desafios e dificuldades acerca da manutenção e conservação do instrumento. Tais questionamentos convergem e abordam as possibilidades de respostas que este estudo busca compreender e relatar.

Através de entrevistas com pessoas que participaram e ainda participam da história do único órgão de tubos da cidade de Bagé, a autora apresenta um panorama da história do instrumento na cidade. Além disso, constatou a dificuldade em encontrar fontes documentais, como relatos ou documentos, sobre o instrumento e seus processos de uso. Contudo, mesmo com a falta de registros, a pesquisa revelou aspectos religiosos e musicais da cidade a partir da década de 1930, o que possibilitou uma contextualização do órgão de tubos na cidade e sua função social. Este, além de influenciar no âmbito religioso, também inspirou o cenário artístico local ao fomentar pianistas e estudantes de piano a se tornarem organistas (Takahama, 2015).

Nesse panorama, Pintão (2013), em sua tese de doutorado, trouxe questões acerca das diferenças entre o futuro musical dos estudantes de escolas ditas vocacionais e escolas comuns. De acordo com o autor, aos alunos das escolas “genéricas” não “lhes são oferecidas com consistência possibilidades de ponderar opções vocacionais pela música” (Pintão, 2013, p. 1). Desse modo, com o intuito de mudar esse panorama, o autor realizou intervenções musicais de piano em grupo de

alunos do primeiro ciclo⁵ de uma escola de educação básica, em uma cidade de Portugal. Sua metodologia consistiu em primeiramente introduzir canções do imaginário popular e posteriormente adicionar a melodia e acompanhamento. O autor realizou entrevistas com professores, responsáveis da educação e alunos a fim de compreender a visão destes acerca das práticas desenvolvidas e de como estas podem potencializar o currículo dos estudantes. Além disso, o trabalho destaca que a prática coletiva propiciou um aprofundamento no aprendizado, como relatado por pais, alunos e professores, e evidenciou a possibilidade de trabalhar “música” de forma eficiente nas atividades extracurriculares, apesar da falta de formação musical do corpo docente. Como resultado, a pesquisa desvela o impacto social perante a comunidade escolar ao demonstrar a potencialização dos processos de comunicação entre os estudantes, principalmente aqueles com alguma dificuldade de interação ou sociabilidade (Pintão, 2013).

Hummes (2004), em sua dissertação de mestrado, investigou, através da ótica de 39 diretores escolares, quais os encargos do ensino de música nas escolas da cidade de Montenegro (RS). A pesquisa visa compreender de que maneiras a música se fazia presente nas instituições e quais eram os indivíduos envolvidos nesses processos de ensino. A partir de questionários abertos, a pesquisadora relata, em seus resultados, que grande parcela das escolas possui espaço para realização de atividades musicais e consideram importante o ensino de música como área do conhecimento. Contudo, salienta que “os diretores não têm formações específicas sobre esse ensino” e que, na maioria das situações, a prática musical carrega um caráter utilitarista (Hummes, 2004, p. 100-101). Como solução para a escassez de professores de música, alguns diretores mencionaram a consolidação de parcerias externas, além de projetos de lei que visam estabelecer cooperações com instituições privadas, considerando que, na maioria, dos cenários, o professor especialista em música não integra o quadro docente das escolas, sendo comum que os professores regentes assumam essa função (Hummes, 2004).

⁵ Na cidade de Portugal, o primeiro ciclo relaciona-se aos alunos do ensino básico que frequentam os quatro primeiros anos de escolaridade, do 1º ao 4º ano, com idades geralmente entre 6 e 10 anos.

3. CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA DO ESTUDO

A presente investigação está construída na perspectiva da abordagem qualitativa de pesquisa. De acordo com Minayo (2010, p. 21), “ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”. A autora reforça que “esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social” (Minayo, 2010, p. 21). Também, a pesquisa qualitativa “privilegia o nível subjetivo e, conseqüentemente, interpretativo da pesquisa, ao contrário de outras abordagens que privilegiam maior objetividade” (Freire, 2010, p. 14).

Segundo Freire (2010), é importante considerar que a abordagem qualitativa de pesquisa não é antagonista da pesquisa de caráter quantitativo. De acordo com a autora, “elas se movem de forma diferente, têm perspectivas e objetivos de natureza diferente e, eventualmente, uma abordagem pode contribuir com a outra” (Freire, 2010, p. 14), conforme o presente estudo.

Visando um olhar sensível acerca do desenvolvimento desta pesquisa, a primeira etapa do estudo envolveu suporte da pesquisa quantitativa para realizar um mapeamento acerca de todas as escolas existentes no município de Bagé (RS). Esse procedimento foi necessário para garantir que todas as escolas fossem contatadas para sabermos quais têm o instrumento piano. Este levantamento apresentou diversos desafios, dentre eles, a localização de sites oficiais que disponibilizassem informações adicionais, tais como o e-mail das escolas e contato telefônico, de modo a possibilitar o contato formal com os/as diretores/as das instituições escolares.

3.1 Etapas de realização do mapeamento das escolas

A primeira etapa envolveu a busca da lista de todas as escolas do município de Bagé (RS) e respectivos e-mails e contatos telefônicos, através dos portais oficiais de educação. Contudo, em um primeiro momento, não foi possível localizar todas as informações necessárias para a construção das tabelas de dados. Dessa forma, uma das estratégias utilizadas foi contatar uma discente do Curso de Música - Licenciatura, ex-bolsista de um projeto de pesquisa da universidade que também

contatou as instituições escolares. Na pesquisa realizada, era necessária uma lista de todas as escolas municipais, o que possibilitou o meu acesso direto a essas informações. Além disso, a colega também tinha dados das escolas estaduais e particulares, o que oportunizou organizar as tabelas de contato.

A partir das informações obtidas, pude construir quatro tabelas com nome completo de cada instituição escolar, endereço, contato telefônico e endereço eletrônico, conforme Apêndice A (tabela das escolas municipais de educação infantil), Apêndice B (tabela das escolas municipais de ensino fundamental), Apêndice C (tabela das escolas estaduais de ensino fundamental e médio) e Apêndice D (tabela das escolas privadas de educação infantil, ensino fundamental e médio).

3.2 Mapeamento dos pianos existentes nas escolas públicas e privadas de educação básica de Bagé (RS)

Com base nessa primeira etapa de localização e categorização, foi enviado um e-mail a todas as escolas municipais, estaduais e particulares/privadas do município de Bagé com o objetivo de mapear quais instituições têm o instrumento piano. Após o período da devolutiva de todos os e-mails (dentro do prazo de 15 dias), foi realizada análise quantitativa e criação de gráficos para cada categoria escolar. A partir da resposta dos/as diretores/as, entramos em contato com as escolas que responderam ao e-mail e que possuem o instrumento, para que fosse possível a realização de entrevistas com as instituições.

Após uma semana, tivemos novamente orientação e fizemos um balanço estatístico das respostas, que foram poucas, e dos e-mails que retornaram pelo fato de não estarem mais ativos. Dessa forma, levando em consideração o curto espaço de tempo para contato com as escolas, por estarem entrando em período de férias, decidimos por reenviar todos os e-mails com as devidas correções e endereços secundários disponibilizados pelas instituições através de contatos pela plataforma WhatsApp e pessoalmente.

Passado o período de uma semana após a nova tentativa de contato foi realizado um novo balanço de respostas, que novamente se mostrou insuficiente e com baixa taxa de retorno das escolas. Além disso, as poucas que responderam

sinalizaram negativamente a existência de um piano em sua estrutura. Portanto, considerando o conhecimento prévio da existência do instrumento em escolas específicas da cidade e que estas não responderam o contato eletrônico, foi delimitado um novo período de comunicação via e-mail, que ultrapassa o período de férias escolares.

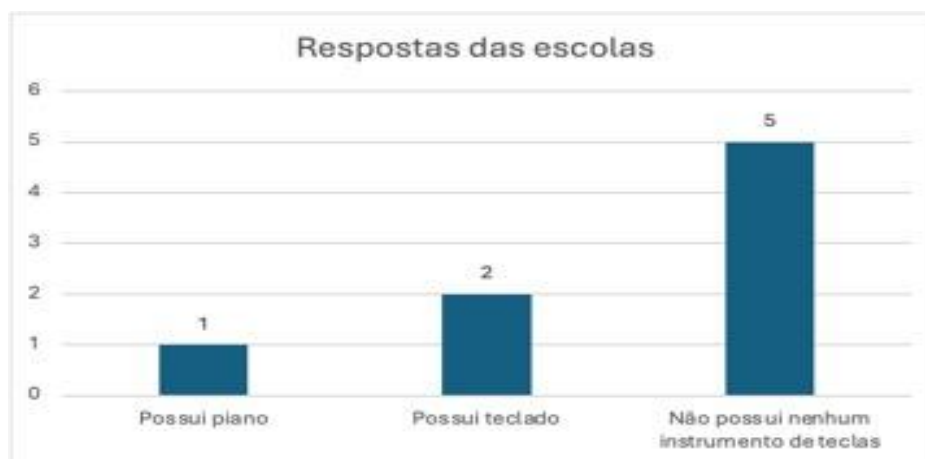
Contudo, mesmo com a prolongação do prazo de respostas via e-mail, apenas oito, de cento e cinco e-mail enviados, responderam. Sendo que, uma escola sinalizou que possuía o instrumento piano, mas após uma obra na instituição este sumiu; quatro responderam não possuir o instrumento; duas relataram deter um teclado e uma respondeu positivamente possuir um piano em suas dependências.

Figura 2: Gráfico de e-mails enviados



Fonte: Acervo da Autora (2025)

Figura 3: Gráfico de respostas das escolas

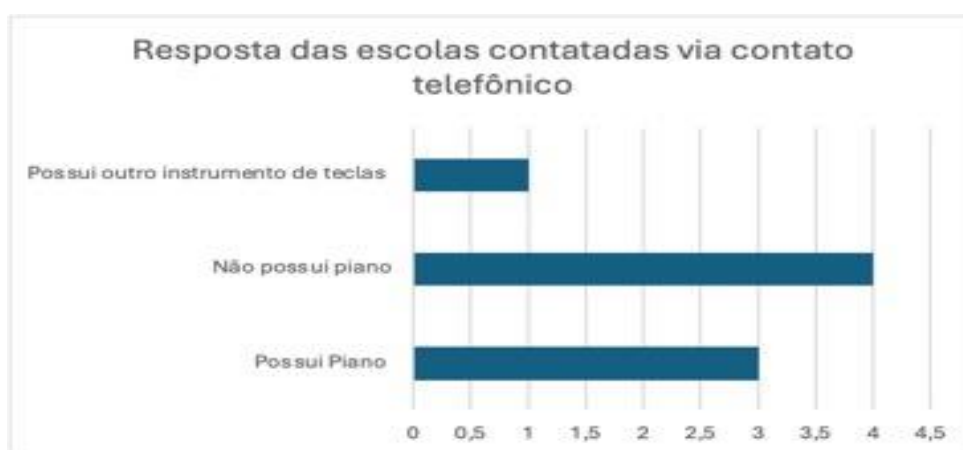


Fonte: Acervo da Autora (2025)

A partir das devolutivas via e-mail, que foram insuficientes para a continuidade da pesquisa, foram contatadas oito escolas da cidade de Bagé(RS), através do contato telefônico. Estas instituições foram selecionadas a partir de um conhecimento prévio, através de conversas e vivências, de escolas que poderiam possuir o instrumento piano em sua estrutura. A partir disso, foram realizadas ligações com o intuito de confirmar a detenção do instrumento e convidar a direção a realizar uma entrevista a fim de colaborar com a pesquisa e registrar o contexto e realidade que cerca o instrumento.

À vista disso, o resultado obtido a partir das ligações foi de: três escolas possuem o instrumento piano; uma possui um órgão harmônio; quatro não possuem o instrumento. Com isso, foi decidido, primeiramente, não envolver a instituição que possui o órgão harmônio, devido a falta de tempo hábil para a construção de uma revisão de literatura adequada acerca do instrumento. Por conseguinte, duas das três escolas que responderam possuir o instrumento piano e que foram contatadas pelo telefone aceitaram realizar a entrevista. Além disso, a instituição que respondeu positivamente o e-mail também aceitou participar da pesquisa.

Figura 4: Gráfico das escolas contatadas por telefone



Fonte: Acervo da Autora (2025)

Contudo, torna-se necessário ressaltar o cuidado na comunicação com as escolas, principalmente acerca das expressões utilizadas para explicar o intuito do trabalho. Considerando que nenhum processo de comunicação foi realizado pessoalmente, tanto os e-mails, quanto às ligações telefônicas, deveriam expressar o objetivo geral da pesquisa, de forma que não assustasse ou inibisse a vontade da

direção em participar do relato, seja por receio de julgamento, ou por não entender o propósito do trabalho. Indo ao encontro do pensamento de Goldenberg (2024, p. 91), ao “trabalhar com estes instrumentos de pesquisa é bom lembrar que lidamos com o que o indivíduo deseja revelar, o que deseja ocultar e a imagem que quer projetar de si mesmo e de outros”. Nessa direção, foi explicado que o intuito da pesquisa era compreender e registrar o contexto em que o instrumento está inserido e qual o olhar da comunidade escolar. Também, foi evidenciado que a pesquisa não tem a intenção de julgar e/ou expor a condição do instrumento, mas compreender e registrar seu espaço na escola e compartilhar um pouco de sua(s) história(s) no referido contexto.

3.3 Processo de construção do roteiro de entrevista

Para a construção do roteiro de entrevistas, foi utilizada a abordagem qualitativa de metodologia, com uso da técnica de entrevista semiestruturada. Para Triviños (2012):

Podemos entender por entrevista semi-estruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. (Triviños, 2012, p. 146).

Ao mesmo tempo em que o investigador está no papel de mediador, e abre possibilidades para novas perguntas, o entrevistado é motivado a alcançar “a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação. (Triviños, 2012, p. 146). Para possibilitar a abertura das conversas e fluidez nas perguntas, mas de forma direta e com o objetivo de captar as informações necessárias para a análise dentro do tempo limitado da pesquisa, o roteiro de entrevista foi repensado diversas vezes, colocado em prática e refletido tanto nas orientações quanto no Grupo de estudos e pesquisas sobre Educação Musical e Processos de Socialização (GEMPS), do qual participo. Esses contextos foram fundamentais para o delineamento do roteiro, tornando-o mais direto, sem perder o espaço para novos diálogos que surgissem ao longo das conversas.

3.4 As entrevistas

Foram realizadas três entrevistas em escolas distintas que responderam positivamente à pesquisa, no sentido de possuir o instrumento piano em sua instituição. A primeira escola contou com uma entrevista com a diretora; a segunda escola com a coordenadora pedagógica e, a terceira, com a diretora. As duas primeiras entrevistadas optaram por não utilizar pseudônimo referente à instituição. Porém, a terceira escola optou por utilizar um pseudônimo. Portanto, após a realização das entrevistas, optamos pelo anonimato das três instituições escolares, pois o foco do estudo está em como o piano se encontra em cada um dos contextos. Assim, as escolas serão identificadas na pesquisa como: Escola 1 (pública, municipal), sendo representada pela Diretora 1 (47 anos); Escola 2 (pública, estadual), sendo representada pela Coordenadora pedagógica 2 (58 anos) e Escola 3 (privada), sendo representada pela Diretora 3 (61 anos).

Para a realização das entrevistas, foram definidas etapas que oportunizassem para as participantes compreender o contexto da pesquisa e o objetivo da entrevista. Com o intuito de assegurar que tudo estivesse adequado para a realização das entrevistas, busquei proporcionar segurança e tranquilidade às entrevistadas, a fim de evitar qualquer sensação de julgamento. Além disso, elaboramos um termo de consentimento para garantir a proteção do material registrado e o uso ético das falas, assegurando que nenhuma delas seria exposta integralmente, mas passaria por um processo de análise e lapidação à luz da sociologia da educação musical.

O registro dos diálogos foi feito com um telefone celular, no modo avião, a fim de evitar interrupções, utilizando um aplicativo de gravação. Essa escolha teve o propósito de capturar o máximo de fidelidade possível ao momento da entrevista, que, posteriormente, facilitou a correção das transcrições e possibilitou que a palavra escrita fosse a mais fiel possível.

A transcrição dos áudios foi realizada com o auxílio de uma inteligência artificial, por meio do website *TurboScribe*. O recurso converteu todos os áudios em texto, porém sem pontuação adequada e sem indicar a troca de interlocutores. Para isso, foi feita uma revisão minuciosa de cada transcrição, garantindo que nenhuma fala fosse deslocada do seu contexto original.

Construção e impressões de cada entrevista

A primeira entrevista, realizada na Escola 1, no dia 30 de setembro de 2025, ocorreu em um ambiente familiar ao meu cotidiano. Por ser uma instituição onde já havia realizado práticas de estágio e onde atuo pelo PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), programa do qual participo. O local acabou se caracterizando como um espaço mais acolhedor e tranquilo para a primeira experiência de entrevista.

A diretora, que já demonstrava entusiasmo em contribuir com a pesquisa, prontamente me conduziu até a sala do sétimo ano, que era o ambiente mais silencioso e adequado para nossa entrevista. Durante o trajeto, a diretora pediu para ler o roteiro da entrevista, com intenção de se sentir mais familiarizada com o roteiro de perguntas. Nessa direção, procurei tranquilizá-la de que seria uma conversa fluida e sem cobranças. No geral, o diálogo transcorreu de forma envolvente, apresentando momentos de grande emoção em que a entrevistada chegou a se comover durante algumas falas.

Em continuidade, a segunda entrevista, realizada na Escola 2 no dia 01 de outubro de 2025, foi marcada por um leve sentimento de insegurança de minha parte. Por já ter realizado práticas pedagógicas anteriores nesse espaço e saber que se tratava de um ambiente mais burocrático, cheguei à escola sem ter certeza se a entrevista seria realizada, considerando que não foi possível marcar uma data e horário para sua realização. Contudo, ao chegar na escola, fui recebida com muito entusiasmo pela equipe, que aparentava estar bem curiosa sobre a temática da pesquisa. Neste dia, porém, não foi possível entrevistar a diretora, pois não se encontrava na instituição. A situação não representou um problema, pois a coordenadora pedagógica demonstrou grande interesse em participar e prontamente se dispôs a conceder a entrevista. Para isso, nos dirigimos à sala da coordenação, a fim de realizar a gravação com mais tranquilidade.

De modo geral, a conversa foi um pouco mais objetiva e, ao final da gravação, a coordenadora se ofereceu para mostrar o auditório e compartilhar um pouco sobre as práticas realizadas naquele espaço. Esse momento foi mais descontraído e possibilitou uma conexão maior com o contexto escolar abordado na

conversa, além de me conceder a autorização para registrar o espaço e o instrumento piano por meio de fotografias.

A terceira e última entrevista, realizada na Escola 3, no dia 08 de outubro de 2025, proporcionou um momento de nostalgia, por ocorrer no espaço onde cursei o ensino médio. Assim que cheguei à escola, permaneci na recepção até que a diretora pudesse me atender. Após cerca de uma hora de espera, fui chamada à sala da direção. O dia estava um pouco atípico para o ambiente escolar, devido ao grande número de reuniões. Ainda assim, foi esclarecido, por mim, que tudo estava sob controle e que eventuais pausas durante a entrevista não seriam um problema. Contudo, a conversa transcorreu tranquilamente e sem interrupções. A entrevistada ofereceu informações que despertaram lembranças do período em que fui estudante e trouxeram respostas a antigas curiosidades. Embora tenha sido uma entrevista um pouco mais breve, foi possível registrar de maneira significativa o contexto em que os pianos estavam inseridos e sua(s) história(s). Além disso, a diretora me acompanhou, junto a um secretário, em um passeio pelos pianos para que eu pudesse tirar fotos dos ambientes e instrumentos.

TABELA DE DADOS DAS ENTREVISTAS

Data da entrevista	Cargo da entrevistada	Local de realização da entrevista	Duração da entrevista
30/09/2025	Diretora – Escola 1	Sala do sétimo ano	00:38:32
01/10/2025	Coordenadora Pedagógica – Escola 2	Sala da coordenação	00:12:15
08/10/2025	Diretora – Escola 3	Sala da direção	00:10:00

Fonte: Autora (2025)

4. APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta sessão, apresentaremos a análise dos dados obtidos a partir das transcrições das entrevistas e das reflexões realizadas à luz do referencial teórico da sociologia da educação musical. O capítulo foi organizado conforme as perguntas que orientaram o roteiro de entrevistas, sendo dividido em três eixos: os movimentos do piano na escola; as possibilidades e desafios; e as sugestões apresentadas pelas entrevistadas.

A partir desses eixos, as falas foram transcritas e analisadas com o objetivo de compreender, dentro das possibilidades do estudo, o contexto que envolve a realidade dos pianos presentes nas instituições entrevistadas.

4.1 Movimento do piano na escola

Na primeira etapa do roteiro de entrevistas, as perguntas foram elaboradas com o objetivo de compreender as histórias dos pianos presentes nas instituições. Dessa forma, buscou-se formular questões que abrissem espaço para o debate acerca da obtenção desses instrumentos, de suas realidades de uso, das formas como são empregados no cotidiano escolar e da existência, ou não, de algum tipo de cuidado ou manutenção. Também se investigou se alunos ou funcionários demonstraram interesse em utilizá-los. Assim, esta seção é dedicada a compreender, de maneira atenta, a realidade estrutural e o uso habitual dos instrumentos nas instituições participantes.

4.1.1 Os pianos e suas histórias

No início das entrevistas, perguntei às instituições como cada piano havia chegado à escola e se sabiam como este havia sido adquirido. Com isso, as três instituições responderam de maneiras diferentes e, em duas delas, não havia certeza sobre a origem dos pianos ou sobre como estes chegaram às escolas.

A diretora da Escola 1 relata que os pianos chegaram à instituição por meio da relação com uma professora de piano, fundadora de um projeto social reconhecido no município. Esse projeto possibilitou que vários instrumentos

musicais, além dos pianos, fossem realocados para a instituição por um tempo ainda não determinado. Dessa forma, a professora levou dois pianos de armário para a escola, além de outros modelos digitais. Também foi perguntado se a entrevistada sabia como estes pianos foram adquiridos pelo projeto e, como resposta, ela comenta que todos foram através de doações: “Esses dois pianos armários que são doações, ali tu vai olhar no piano e tem a plaquinha, doação da família e tal. Aquele outro que está todo colorido foi doação também.” (Entrevista com a Diretora, Escola 1).

Figura 5: Piano colorido (Escola 1)



Fonte: Acervo da Autora (2025)

Figura 6: Piano acústico que não está pintado (Escola 1)



Fonte: Acervo da Autora (2025)

Em sequência, a coordenadora pedagógica da Escola 2 comenta não ter certeza sobre a origem do instrumento nem sobre como ele chegou à instituição.

Contudo, ela acredita que o piano poderia ser utilizado em práticas pedagógicas. Além disso, a entrevistada menciona que:

As escolas tinham aula de música no currículo. Então, pela experiência que eu tenho da época, eu acredito que seja um instrumento que veio pela mantenedora mesmo, não tenha sido doação. Eu acredito, não tenho essa informação com certeza. (Entrevista com a Coordenadora Pedagógica, Escola 2).

Figura 7: Piano acústico (Escola 2)



Fonte: Acervo da Autora (2025)

Na terceira entrevista, a diretora da Escola 3 deixou nas entrelinhas, de forma menos direta, que os pianos foram adquiridos pela própria instituição. Além disso, ela ressalta que, atualmente, a escola possui três pianos em sua estrutura, “um no salão verde, um no salão azul e um na capela”. Além disso, relatou que “antigamente o colégio tinha as irmãs musicistas” e “estas ministravam aulas de piano dentro da escola como uma atividade extraclasse”. (Entrevista com a Diretora, Escola 3).

Figura 8: Piano do Salão Azul (Escola 3)



Fonte: Acervo da Autora (2025)

Pelo fato de a escola ser uma instituição católica, para a entrevistada “a música é sempre uma forma muito bonita de encontrar-se com Deus” e, talvez por isso, “as irmãs priorizavam o ensino da música” (Entrevista com a Diretora, Escola 3).

Após essa explicação, também perguntei à diretora se ela sabia de que maneira a educação musical era realizada na escola, se por meio de canto coral ou em formato instrumental. Neste caso, a diretora relatou que as aulas eram realizadas de ambas as maneiras, tanto no coral da escola, quanto em aulas particulares de piano.

Figura 9: Piano do Salão Verde (Escola 3)



Fonte: Acervo da Autora (2025)

Figura 10: Piano da capela (Escola 3)



Fonte: Acervo da Autora (2025)

A partir da descrição dos três contextos, é possível perceber que, tanto na Escola 2 quanto na Escola 3, o conhecimento sobre a obtenção dos instrumentos

musicais está muito mais associado à oralidade do que à documentação escrita. Essa característica se explica pelas mudanças de gerações que atravessaram as instituições e, na maioria dos casos, pelo fato de que os instrumentos deixaram de ser utilizados ao longo do tempo. Assim, para as entrevistadas, tornou-se mais difícil compreender como, de fato, esses instrumentos surgiram nas escolas. Já no contexto da Escola 1, por se tratar de um projeto social recente e que possui registros sobre a aquisição de cada instrumento, foi possível que a diretora relatasse a trajetória e a origem dos instrumentos que chegaram à instituição.

4.1.2 Espaços em que o piano fica na escola

Ao serem questionadas sobre a localização do piano nas escolas, as três instituições apresentaram respostas distintas. Uma delas afirmou que o instrumento sempre permaneceu no mesmo local, conforme o conhecimento prévio da entrevistada. As outras duas instituições, porém, ressaltaram que o piano já foi deslocado por diferentes motivos, seja por interferências externas de pessoas ou tempo, ou em razão de mudanças no uso do instrumento.

A Diretora da Escola 1, que dispõe de dois pianos acústicos em sua instituição, comenta que o piano “que não está pintando” sempre permaneceu no mesmo lugar. Contudo, o piano azul foi realocado “porque tinha uma goteira” que impossibilitava a permanência deste no local. (Entrevista com a Diretora, Escola 1). A entrevistada relata que, inicialmente, os pianos eram abertos e que “todo mundo podia tocar”. Contudo, após a professora fundadora do projeto social ter custeado uma afinação para os instrumentos, decidiu-se que eles passariam a ficar trancados, já que o serviço de manutenção era custoso. Assim, os alunos que necessitarem utilizar o instrumento devem solicitar a chave para abri-lo. A professora justifica essa medida afirmando que “os alunos ainda não têm esse cuidado” pois chegaram a quebrar a “pata” de um dos instrumentos. (Entrevista com a Diretora, Escola 1).

Em outro contexto, a coordenadora pedagógica da escola 2 contou que por seu conhecimento, o piano sempre permaneceu no mesmo lugar, ou seja, no auditório da instituição. Além disso, ressalta que ao levar em consideração a “tradição de alguns anos atrás, de ter um coral” e que “ali no auditório é onde

aconteciam as apresentações, e onde tem o mezanino”, a entrevistada reafirma a ideia de que o instrumento nunca foi realocado. (Entrevista com a Coordenadora Pedagógica, Escola 2).

Figura 11: Auditório (Escola 2)



Fonte: Acervo da Autora (2025)

Na terceira instituição participante, a diretora revela que os pianos já haviam sido realocados e que, mesmo não tendo registro escrito sobre os fatos, “as irmãs antigas” compartilhavam que “havia as salas de músicas, a sala grande e as *celinhas*, que possibilitavam a separação dos pianos e aulas individuais do instrumento (Entrevista com a Diretora, Escola 3).

Figura 12: Salão Azul (Escola 3)



Fonte: Acervo da Autora (2025)

Figura 13: Salão Verde (Escola 3)

Fonte: Acervo da Autora (2025)

4.1.3 Realidades e desafios para a manutenção do instrumento piano

Acerca da realidade estrutural dos instrumentos musicais e das possibilidades de investimento para sua manutenção, as três instituições evidenciaram, em suas respectivas realidades, diferentes condições de uso e conservação dos pianos.

Na Escola 1 os pianos já haviam sido afinados e foi feita a manutenção em uma das “patinhas”, do piano azul, que havia sido quebrada por um dos alunos. Em continuidade, a escola não recebe nenhum investimento público para a manutenção dos instrumentos, somente os serviços disponibilizados pelo projeto social que os cedeu à instituição.

Em outro cenário, a Escola 2 não possui manutenção realizada no instrumento. A coordenadora afirmou que “ele está bem, está sobrevivendo” e que “está saindo som”. Além disso, explana que a escola tem alunos que “já sabem tocar piano” e que pelo auditório ser um “local de fácil acesso para eles”, muitas vezes, na hora do recreio, os estudantes se encontram ali para ler, cantar ou tocar instrumentos. Nessa perspectiva, a entrevistada confirma que o instrumento “é de uso” e que “quem gosta de tocar, vai para ali e toca à vontade” mesmo que o instrumento não esteja afinado (Entrevista com a Coordenadora Pedagógica, Escola 2).

Na terceira instituição, os pianos foram afinados no passado, mas atualmente se encontram desafinados. Além disso, a diretora enfatizou que para manter os instrumentos seria necessário “fazer um investimento” para tentar recuperá-los, mas entende que “não estão estragados”. Contudo, a diretora afirma não entender sobre as reais necessidades de manutenção e comenta não ser “técnica da área” e não saber “se eles precisam de outras manutenções, além da afinação” (Entrevista com a Diretora, Escola 3).

As três entrevistadas demonstram compreensão de alguns impedimentos para a manutenção adequada dos instrumentos, o que dificulta a inserção dos pianos no cotidiano escolar. Fica evidenciado que as questões relacionadas à afinação e à manutenção do instrumento ainda constituem barreiras significativas, tanto para as instituições que possuem pianos em funcionamento, quanto para aquelas que não os utilizam. Por tratar-se de um serviço caro e de difícil acesso na cidade de Bagé, muitas vezes a afinação não se torna uma prioridade para as escolas. Assim, as instituições que não fazem uso regular do piano acabam por deixá-lo sem manutenção, enquanto aquelas que o utilizam tendem a restringir seu uso, a fim de evitar a necessidade de refazer o serviço com frequência.

4.1.4 O piano nas atividades e rotinas escolares

Durante a entrevista, ao serem questionadas sobre a utilização dos instrumentos na rotina escolar, as três entrevistadas relataram cenários distintos e apresentaram suas ideias de mudança para tais realidades. A primeira diretora comentou que o piano “pode ser utilizado”, mas que para isso se torne uma prática usual, seria necessária a presença de um profissional da área da música, tanto para aulas, quanto para apresentações musicais. Além disso, revelou que este trabalho já está sendo desenvolvido por uma professora da instituição, que utiliza a sala do projeto social para apresentar o piano para os alunos interessados, constituindo um laboratório de música (Entrevista com a Diretora, Escola 1).

Em outro cenário, a coordenadora da segunda escola relatou que os alunos “utilizam o piano, mesmo estando desafinado”. Além disso, os bolsistas do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) também usufruem do instrumento nas práticas. Contudo, um dos obstáculos citados pela entrevistada é a

dificuldade em conseguir alguém que afine o piano, levando em consideração que deveria ser uma atividade voluntária do profissional, já que a escola não tem verba para essa categoria de serviço (Entrevista com a Coordenadora Pedagógica, Escola 2).

No contexto da escola 3, a diretora indicou que o piano não é utilizado em práticas cotidianas e lembrou que no passado ocorreu “um evento, onde um aluno tocou piano”, mas que atualmente não teve mais procura para o uso do instrumento (Entrevista com a Diretora, Escola 3).

Dessa forma, as três entrevistadas demonstraram abertura para a utilização dos pianos. No entanto, em ambas as instituições, surgem obstáculos que acabam limitando seu uso, como a ausência de professores especializados, a falta de manutenção do instrumento e até questões relacionadas à demanda dos próprios estudantes, como observado no contexto três. Para Souza (1996), umas das maiores contribuições da sociologia para a educação musical é de possibilitar retornar “ao fenômeno enquanto dado primordial para a apreensão da realidade e ao sensível que deixa de ser considerado uma simples aparência” (Souza, 1996, p. 34), dessa forma, proporcionando uma visão macro de vários aspectos que constituem as realidades dos pianos observados.

No decorrer das entrevistas, uma das questões envolveu identificar se já foi solicitado, por algum aluno ou funcionário, o uso do instrumento piano. A primeira diretora comentou que, em algumas ocasiões, os alunos solicitaram. A entrevistada lembrou o caso de uma estudante do 6º ano que frequentemente solicita o uso do instrumento e que, na maioria das ocasiões, lhe é autorizado o uso, afirmando: “ela pega a chave e toca” (Entrevista com a Diretora, Escola 1). Outros casos são mencionados durante a conversa sobre docentes da instituição convidarem personalidades bageenses para se apresentarem na escola ou para utilizarem o piano em práticas pedagógicas pontuais.

Na segunda instituição, a coordenadora relatou que tanto os alunos, quanto os bolsistas do PIBID, solicitam a utilização do instrumento para práticas musicais. Ela comentou que, mesmo o piano não estando afinado, isso não representa um impedimento para seu uso, pois os estudantes e bolsistas demonstram interesse em explorá-lo apesar dessa condição. Além disso, a coordenadora destacou que, nos momentos em que os alunos estão liberados para circular e conviver nas áreas comuns da escola, um dos espaços mais frequentados é o auditório, local onde o

piano está situado. Ademais, no contexto da terceira escola, a diretora afirma que alguns alunos demonstram interesse em tocar o instrumento, contudo, não deixa explícito se essa prática de fato se concretiza ou se permanece apenas na intenção.

Ao analisar as falas das entrevistadas percebe-se que, mesmo que o piano não seja utilizado em sua totalidade nas instituições, há um desejo de aproximação com o instrumento, seja por parte dos alunos, dos professores ou dos bolsistas do PIBID. Neste caso, observar tais comportamentos possibilitam vislumbrar mudanças referentes ao uso do piano, além de proporcionar, conforme Green (2014), o entendimento sobre “as diferentes práticas musicais dos diferentes grupos de estudantes na escola” (Green, 2014, p. 33).

4.2 Possibilidades e desafios para o uso do instrumento piano na escola

Nesta seção, buscamos abordar e compreender o olhar da equipe diretiva sobre as possibilidades e desafios relacionados ao uso do piano no contexto escolar. A proposta foi criar um espaço para que as entrevistadas pudessem expor suas idéias, anseios e dificuldades, além de refletirem sobre como percebem o papel da música no desenvolvimento humano. Assim, este momento da entrevista caracteriza-se pela abertura da conversa, permitindo um olhar mais focado nas participantes.

4.2.1 Perspectivas para uso do piano nas escolas

Ao serem questionadas sobre as possibilidades de uso para os instrumentos na escola, as três entrevistadas revelaram diferentes pensamentos. No primeiro contexto, a diretora sugeriu o fortalecimento do trabalho já desenvolvido por uma das docentes, referente à criação de um laboratório de música. Além disso, ela mencionou dois outros fatores que poderiam potencializar o uso dos pianos: o requerimento, encaminhado à Secretaria de Educação, por uma mãe de aluno que é pianista e atua em escolas – e a participação de alunos do Instituto musical da cidade em práticas na escola.

Em outra perspectiva, a coordenadora pedagógica relacionou a utilização do piano e da música ao acompanhamento de práticas teatrais como, por exemplo,

“para trilha sonora de teatro, com piano e sarau”, além de outras atividades “culturais que poderiam ser aproveitadas com a utilização do piano” (Entrevista com a Coordenadora Pedagógica, Escola 2). Neste caso, a entrevistada menciona que:

Esse trabalho está sendo feito com a professora de arte, junto com o pibidiano, que é a inclusão da história com a música, porque todos os períodos históricos têm as músicas características, e que contam muito de cada período. Então eu acho que aprender através da música, ensinar e aprender através da música é muito rico. (Entrevista com a Coordenadora Pedagógica, Escola 2).

Através de outras visões, a diretora da Escola 3 relatou que se “tivesse demanda e pessoas interessadas, poderia ser uma das atividades extras do colégio” e que o melhor turno para estas práticas seria no final da tarde, destinada aos alunos que gostariam de fazer aula após as aulas curriculares. Além disso, relatou que a instituição teria que “fazer um contrato com um professor ou professora, como uma atividade extra classe”, assim como acontece no caso da dança (Entrevista com a Diretora, Escola 3).

Na continuidade da conversa, as entrevistadas também comentaram sobre alguns desafios que dificultavam que os instrumentos fossem mais utilizados. Para a primeira diretora é uma meta inserir a música cada vez mais no cotidiano escolar dos alunos, defendendo que, muitas vezes, os gostos musicais são direcionados pelos projetos que chegam à escola, como, por exemplo, a *invernada*⁶. Contudo, na maioria dos casos, para os alunos não participantes das oficinas, a realidade musical está centrada na escuta do funk e, segundo a percepção de alguns estudantes, o piano é “um instrumento de música chata” (Entrevista com a Diretora, Escola 1).

No contexto da Escola 2, a coordenadora apontou que um dos principais impedimentos é a dificuldade em encontrar um profissional capacitado para afinar o piano. Além disso, destacou que a música ainda não é um componente ativo dentro da grade curricular, o que limita outras iniciativas musicais. Porém, uma mudança significativa relatada foi sobre a ação dos bolsistas do PIBID que, segundo a coordenadora, possibilitou que o instrumento fosse mais solicitado e explorado:

Agora ele está sendo mais utilizado porque a gente tem os pibidianos. No momento que nós não tínhamos os pibidianos, ele não era tão um uso

⁶ É um grupo de danças e apresentações tradicionais da cultura gaúcha.

direcionado, porque nós não temos professor com capacitação para dar aula de música, ou para orientar em termos de música. Então, ele estava obsoleto. Agora, com os PIBIDIANOS na escola, ele está sendo utilizado de forma mais direcionada. (Entrevista com a Coordenadora Pedagógica, Escola 2).

A entrevistada também ressaltou que, em sua visão, a “música é cultura, é conhecimento, é história, é tudo” e que esta deveria “estar inserida no ambiente escolar”, abrangendo “todos os tipos de música” (Entrevista com a Coordenadora Pedagógica, Escola 2).

Na terceira instituição, a diretora comentou que para haver uma reinserção do piano na escola, seria necessário um investimento que o tornasse apto para uso em aulas e apresentações. Contudo, ela afirmou não possuir conhecimento preciso sobre quais seriam, de fato, as necessidades de manutenção dos instrumentos presentes na instituição.

A partir da análise dos contextos, é possível perceber que o uso do piano nas escolas depende menos do instrumento em si e mais das relações sociais construídas no interior das instituições. As diferentes percepções das gestoras, que associam o piano a projetos interdisciplinares, atividades extraclasse ou até ao desinteresse dos alunos, evidenciam que a relação com a música é continuamente construída no cotidiano escolar. Essa compreensão dialoga com Kraemer (2000), que afirma que “a sociologia da música examina as condições sociais e os efeitos da música, assim como relações sociais que estejam relacionadas com a música. Ela considera o manuseio da música como um processo social” (Kraemer, 2000, p.57), o que oportuniza pensar que o piano, além de um recurso material para a instituição escolar, também pode determinar seu lugar nas escolas. Além disso, como apontado pela gestora da primeira escola, a percepção do instrumento, por parte de alguns alunos, como de uma “música chata”, muitas vezes se relaciona às noções de “bom” e “ruim” socialmente construídas e reproduzidas. Nesse sentido, em muitos contextos, os estudantes convivem com outras realidades sonoras mais próximas do seu cotidiano, como o funk e outros gêneros musicais, e que se distanciam do repertório mais associado ao piano, o que, conseqüentemente, pode contribuir para um afastamento dos alunos em relação ao instrumento.

4.2.2 Olhares sobre a importância da música

Ao falarem sobre o papel da música no desenvolvimento humano, cada entrevistada respondeu a partir de suas vivências, de seus olhares e de suas idealizações acerca da importância da música. Embora as perspectivas apresentadas fossem distintas e situadas em contextos diversos, as respostas acabaram por se entrelaçar, evidenciando que, para todas, a música exerce um papel fundamental no processo de formação e educação das pessoas.

Para a diretora da primeira escola, a música é essencial pois se relaciona diretamente com suas experiências pessoais, tanto no âmbito familiar, quanto escolar. Ela mencionou episódios de sua vida em que familiares enfrentaram dificuldades no processo de aprendizagem e que a música foi fundamental na superação dessas barreiras. Além disso, afirmou acreditar nesse campo e nas diferentes inteligências, ressaltando que isso é uma motivação constante para buscar ampliar sua presença dentro da instituição.

Eu acredito na música. Acredito nisso. Acredito em Gardner. Acredito nas inteligências. (...) E o piano está aí. Ninguém proíbe. Só eu não posso deixar que estrague. Não posso deixar que ele fique aberto pra qualquer um chegar e desafinar. Eu preciso que alguém explique que instrumento é esse, qual a importância desse instrumento. (Entrevista com a Diretora, Escola 1).

A entrevistada também mencionou um acontecimento isolado, ocorrido alguns anos atrás, quando uma discente do curso de Música da Unipampa, violoncelista, visitou a escola para realizar uma palestra. Tempos depois, um aluno que havia participado desse momento lembrou alguns dos ensinamentos compartilhados pela estudante e, ao comentá-los com colegas, acabou chamando a atenção da diretora, que recordou o episódio com carinho.

No final a gestora destacou que, em sua percepção, a música marca a vida das pessoas e acredita que cada indivíduo deve ter uma “trilha sonora própria”. Além disso, mesmo com o número ainda limitado de práticas musicais na escola, a diretora comentou sobre a banda da escola e sua importância, destacando que todo sábado a “escola vive música” e que ainda é banda de fanfarra, “mas é um bom começo, para que comecem a gostar” (Entrevista com a Diretora, Escola 1).

No contexto da segunda escola, a coordenadora relatou que a música interfere diretamente no cotidiano das pessoas. Além disso, comentou sobre um trabalho desenvolvido na Mostra Científica no ano anterior, no qual os alunos produziram suas *playlists* individuais, reunindo diferentes estilos musicais, e analisaram como essas músicas se relacionavam com suas emoções e sensações. Para a coordenadora, esse trabalho fez muito sentido, pois, em sua opinião:

A música tem esse poder. Dependendo de como emocionalmente a gente está, ela pode nos tirar de um momento de tristeza ou pode também nos deprimir mais, de acordo com a letra e de acordo com como a gente interage com aquela informação que está ali. Eu acho que música é informação, é cultura, e é manifestação de sentimentos (Entrevista com a Coordenadora Pedagógica, Escola 2).

A entrevistada também comentou que a escola estava “colocando música no recreio”, porém, por respeito aos alunos autistas, que apresentam sensibilidade ao som, essa prática precisou ser interrompida. Contudo, ao finalizar sua fala, ela reiterou que “a música é extremamente necessária para trabalhar linguagens” e outros conteúdos, como “na história, na literatura, questão social, também para a sociologia”, podendo auxiliar o aprendizado de outros conteúdos da grade curricular (Entrevista com a Coordenadora Pedagógica, Escola 2).

Na perspectiva da diretora da terceira escola, “a música trabalha uma série de habilidades” e que “a criança que aprende música tem uma maior concentração nas atividades escolares”, possibilitando o desenvolvimento de áreas do cérebro que são muito importantes para as atividades do cotidiano. Além disso, a entrevistada se mostrou muito favorável ao ensino de música na instituição reiterando que, sempre que possível, solicita ao corpo docente da escola, que cantem e toquem com os alunos (Entrevista com a Diretora, Escola 3).

As falas das gestoras mostram que a presença da música na escola é permeada por vivências pessoais, pelos costumes institucionais, pelas condições materiais e por diferentes relações. Isso evidencia que o lugar e o significado da música no ambiente escolar são construídos socialmente. Essa compreensão dialoga com as reflexões de Bozzetto (2012), ao lembrar que “a sociologia permite à educação musical conhecer as tramas sociais das instituições como espaços não neutros” (Bozzetto, 2012, p. 28), sendo que cada escola organiza e, ao mesmo tempo, limita as práticas musicais de acordo com suas próprias dinâmicas. Contudo, mesmo com os cenários musicalmente limitados, quando as entrevistadas associam

a música ao desenvolvimento cognitivo, social e emocional, reforçam que a educação musical permeia todas as fases do desenvolvimento humano, evidenciando a papel que esta pode desenvolver na vida de cada pessoa e, especialmente, no contexto escolar.

4.3 Caminhos e perspectivas

Neste momento final das entrevistas, em que as participantes puderam discorrer livremente sobre suas sugestões e comentários relacionados à temática abordada, foi possível perceber, dentro das possibilidades, os anseios por mudanças no cenário musical das escolas, principalmente relacionados ao uso do piano pelas instituições. Também emergiram ideias de maior articulação, tanto com a universidade, quanto com outras instituições de ensino específico de música.

A respeito disso, a primeira diretora comentou sobre como gostaria que a universidade estivesse mais presente no ambiente escolar, especialmente por meio da realização de recitais e outras atividades musicais. Ela defendeu que essa aproximação é fundamental para que os alunos valorizem as práticas desenvolvidas dentro da escola, afirmando que “nunca a gente vai valorizar aquilo que a gente acha que é comum e corriqueiro”. Por isso, reforça que a universidade deveria estar mais inserida na educação básica, contribuindo para ampliar o contato dos estudantes com diferentes experiências musicais e formativas (Entrevista com a Diretora, Escola 1).

Além disso, a entrevistada relatou que muitos alunos já vivenciam a música fora do ambiente escolar, sobretudo no contexto religioso, e observa que esses estudantes geralmente “têm ritmo”, o que cria diversas oportunidades de aprendizagem. Em continuidade, destacou o desejo de manter a escola “aberta para todo mundo”, oferecendo o espaço a todos que queiram compartilhar música e conhecimento, independentemente do instrumento, da linguagem artística ou da religião. Por fim, expressou sua expectativa de que os alunos participem dessas iniciativas, afirmando: “Tomara que eles aproveitem. Tomara que eles queiram ir” (Entrevista com a Diretora, Escola 1).

Em outro cenário, a coordenadora da segunda escola aproveitou o espaço para também demonstrar seu desejo que a universidade entre mais em contato com a escola de base, mencionando que:

Já que nós temos a Unipampa, que tem um curso de música, que houvesse, de repente, uma parceria da Unipampa com a escola, no sentido da utilização desse piano. De repente desenvolver algum projeto de afinação do piano, de fazer uma seleção de alunos que gostem e que queiram aprender a tocar piano e fazer um trabalho direcionado. Ou com alunos que já saibam tocar e preparar alguma coisa para uma apresentação em algum momento (Entrevista com a Coordenadora Pedagógica, Escola 2).

A entrevistada também destacou que essa parceria seria benéfica para ambos os lados, especialmente ao considerar que a escola possui o instrumento, mas carece de um professor que possa utilizá-lo, enquanto a universidade conta com docentes e futuros professores que poderiam desenvolver atividades no local.

Sob outro ponto de vista, a terceira diretora aproveitou o momento para reforçar sua compreensão de que “a música nos ajuda a elevar o nosso pensamento para Deus”. Ela acrescenta que, “se a pessoa se dedicar à música” e compreender seu real valor para o desenvolvimento integral do ser humano, será possível reconhecer sua importância para o crescimento e a formação em todas as áreas da vida (Entrevista com a Diretora, Escola 3).

As falas das gestoras demonstram o desejo de ampliar a presença da música nas escolas, evidenciando que, para elas, a música ganha mais força quando adentra e se faz presente na rotina escolar. Dessa forma, defendem a importância da conexão entre a universidade e a escola básica, relatando como essa relação poderia ser benéfica para ambas as instituições, seja oferecendo suporte técnico, seja como campo de atuação para os discentes do curso de Música da universidade. Contudo, apenas a abertura da escola não seria suficiente para que tais relações se constituíssem. Além da necessidade de mais concursos públicos que viabilizem a inserção do professor de música na educação básica, outras condições, como a estrutura e a receptividade escolar, também afetam na mudança desse cenário. De acordo com Penna (2015), a educação musical enquanto área tem “fortalecido seu compromisso com a educação básica, com o aumento de estudos sobre a prática pedagógica nas escolas, seja para conhecer essa realidade, seja para propor alternativas para esse contexto educativo” (Penna, 2015, p. 151).

Além disso, para Hummes (2004), a ação do professor de música só é efetiva quando ela se constitui "como parte de um projeto coletivo, envolvendo todos os membros da comunidade escolar, inclusive sua administração" (Hummes, 2004, p. 9), não sendo limitada somente pela inserção do profissional na grade curricular das instituições.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo mapear os instrumentos piano inseridos na rede de ensino da cidade de Bagé (RS), conhecer suas realidades de uso e manutenção, além de compreender os olhares da gestão acerca dos instrumentos. A partir do levantamento de escolas realizado, foi possível identificar quatro instituições que possuem piano em sua estrutura, sendo que três destas participaram da pesquisa. Com isso, o trabalho buscou entender os contextos abordados através de um olhar sensível e atento, guiado pelo campo da sociologia da educação musical.

Na primeira etapa de mapeamento, não foi possível localizar todos os instrumentos, considerando que um número significativo de instituições não deram retorno ao contato realizado. Das 105 escolas, apenas oito responderam aos e-mails enviados. Esse número reduzido de respostas, que poderia ter proporcionado um panorama mais abrangente, acabou por distanciar a pesquisa da quantidade real de pianos existentes na rede de ensino e possíveis novos contextos a serem analisados.

Ao entrevistar duas diretoras e uma coordenadora pedagógica de instituições públicas e privadas, foi possível conhecer as histórias por trás do recebimento de cada piano. Assim, duas escolas adquiriram seus pianos, no passado, para fins pedagógicos, como canto coral e aulas particulares do instrumento, e uma delas recebeu através da implementação de um projeto social, que cedeu os pianos e outros instrumentos para a instituição.

Dessa forma, a partir da análise de dados, pude identificar que as formas de uso dos instrumentos variam de acordo com cada instituição. Em duas delas, o piano é utilizado, ainda que com diferentes condições de manutenção; já na terceira, o instrumento permanece sem uso. Essas realidades são, em grande parte, resultado da ausência de profissionais capacitados para o ensino e cuidado do instrumento, bem como da baixa demanda por seu uso, o que, no caso da terceira instituição, contribui para que o piano permaneça obsoleto nos salões. Essa ausência de professores especializados em música não é um fenômeno isolado, mas de um cenário mais amplo. Como aponta Penna (2014), “é bastante elevado o índice de professores com formação em Educação Artística, mas extremamente reduzido o número de professores com habilitação em música” (Penna, 2014, p. 7).

Ou seja, em grande parte das escolas o ensino de artes é conduzido por profissionais com formação voltada às artes visuais, o que possibilita entender, dentro das possibilidades, os cenários relatados pelas entrevistadas referentes à falta de professores específicos da área de música que sejam aptos a utilizar os instrumentos e identificar suas necessidades de manutenção.

A respeito da visão da gestão escolar sobre os instrumentos, a pesquisa desvelou que para ambas participantes a música desempenha um papel fundamental no desenvolvimento do ser humano, sendo importante para o aprimoramento de habilidades - como comunicação, socialização, desenvolvimento emocional e, em um dos contextos, a religião. Também é possível observar a consideração acerca do ensino de música entrelaçado com o ensino de outras disciplinas ou para fins de apresentação e datas comemorativas.

Contudo, um ponto que aparece com frequência na fala de duas entrevistadas diz respeito à importância de fortalecer a conexão entre as escolas e a universidade, ou o Instituto de música da cidade. A partir da transcrição e análise das entrevistas, observei que existe uma expectativa em relação às instituições de ensino superior, especialmente no sentido de que possam realizar mais práticas pedagógicas nas escolas. Essas ações, segundo as entrevistadas, muitas vezes são imaginadas como algo que partiria espontaneamente das instituições, sem necessariamente envolver remuneração, revelando mais um desejo por aproximação e apoio do que uma cobrança direta. Para Hummes (2004), “é o diretor quem define os horários para as atividades musicais, os recursos financeiros e humanos. É ele quem estabelece as parcerias e gerencia a escola” (Hummes, 2004, p. 102). Assim, mesmo que as diretoras e coordenadoras reconheçam a importância da música para a formação dos estudantes, esse reconhecimento, por si só, não garante mudanças concretas nas escolas. Para que essas transformações ocorram é necessário que a gestão assuma um papel ativo, seja buscando parcerias, ou solicitando recursos e profissionais da área.

Ao apresentar o estudo preliminar no 17º Salão de Inovação, Ensino, Pesquisa e Extensão (SIEPE), através de comunicação oral, uma pergunta de uma das avaliadoras - O que a pesquisa pode contribuir para a mudança do cenário da música na escola? - me fez refletir sobre essa questão. Enfatizei a relevância da pesquisa não apenas para mapear a presença dos instrumentos nas escolas de Bagé, mas para demonstrar que há carência de profissionais aptos a utilizá-los no

ambiente escolar. Muitas vezes há demandas que não chegam à direção escolar, além disso, evidenciei a necessidade do professor especializado em música, tanto para ministrar as aulas, quanto para analisar as demandas de manutenção dos instrumentos pertencentes ao ambiente escolar.

Outro questionamento levantado pela banca avaliadora, referente ao posicionamento do professor acerca do ensino de música atual nas escolas, levou-me a refletir e destacar pontos que considero importantes para a efetivação e valorização do profissional da área. Ressaltei que uma das possibilidades para contribuir com a mudança desse panorama é, primeiramente, reconhecer-se como um profissional fundamental para o desenvolvimento da comunidade escolar, junto aos demais profissionais de outras áreas do conhecimento. Isso se relaciona diretamente com a realidade vivenciada por muitos músicos, cujos serviços frequentemente são solicitados de forma gratuita ou cuja atuação é vista, regularmente, como menos valorosa. Assim, o posicionamento do professor de música deve ser enfático acerca de sua contribuição na formação dos estudantes, desprendendo-se do caráter utilitarista comumente dado ao ensino de música, além de trazer discussões acerca do processo de formação necessário para constituição do profissional. Outro ponto abordado é a necessidade do aumento de concursos públicos para a área, de modo que ampliem a inserção do professor de música no ambiente escolar.

Atualmente, como licencianda em música, busco manter um olhar atento às realidades que cercam o ensino da área, e como diferentes espaços a percebem. Também, como bolsista do PIBID, enxergo a força dos projetos de extensão fora do ambiente universitário, podendo transformar realidades como as citadas pelas entrevistadas. A relevância dessas observações possibilita vislumbrar as diferentes faces do ensino de música em diversos contextos e suas particularidades. No campo da sociologia musical, Green (2014) destaca que “diferentes grupos sociais relacionam-se diferentemente com a música” (Green, 2014, p. 25), o que ajuda a entender, a partir da análise dos dados, que essas relações não são iguais em todos os lugares. A sociologia da educação musical busca compreender como as relações sociais se articulam e seu impacto nos processos de ensino e aprendizagem da música. Esse pensamento contribuiu para analisar de forma mais atenta os contextos abordados, sem esquecer que cada instituição é permeada de relações que se atravessam e constituem suas respectivas realidades.

REFERÊNCIAS

BOZZETTO, Adriana. O projeto de extensão Pianos Abertos: experiências musicais conectando escolas e universidade. In: **Anais do XXVI Congresso Nacional da ABEM**. 2023, Ouro Preto, MG. Disponível em: https://abem.mus.br/anais_congresso/V5/papers/1851/public/1851-7423-1-PB.pdf. Acesso em: 16 set. 2025.

BOZZETTO, Adriana. **Projetos educativos de famílias e formação musical de crianças e jovens em uma orquestra**. Tese (Doutorado, Educação Musical) - Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

FREIRE, Vanda Bellard. (Org.) **Horizontes da Pesquisa em Música**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 18ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2024.

GREEN, Lucy. Pesquisa em Sociologia da Educação Musical. **Revista da ABEM**. [S. l.], v. 4, n. 4, 2014. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/483>. Acesso em: 8 set. 2025.

HUMMES, Júlia Maria. **As funções do ensino de música na escola, sob a ótica da direção escolar: um estudo nas escolas de Montenegro**. 2004. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 29ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

PEDRINI, Juliana.; MARQUES, Leonardo. Desmistificando o Piano. Salão de Extensão 2015 Porto Alegre, RS. **Caderno de resumos**. Porto Alegre: UFRGS/PROEXT, 2015.

PENNA, Maura. **Música(s) e seu ensino**. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PENNA, Maura. Professores de música nas escolas públicas de ensino fundamental e médio: uma ausência significativa. **REVISTA DA ABEM**, [S. l.], v. 10, n. 7, 2014. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/427>. Acesso em: 18 nov. 2025.

PINTÃO, Rui Pedro Soeiro e Silva. **O Ensino de Piano em Grupo para uma nova Literacia Musical**. Impactos de um Projeto de Investigação-Ação numa Escola Pública. 2013. Tese (Doutorado em Estudos da Criança. Especialidade em Educação Musical) - Universidade do Minho. Instituto de Educação, 2013.

SANTOS, Wellington Nonatos dos; BRAGA, Simone Marques. Piano a 4 Artes vai à Escola. **Anais da 14ª Jornada de Extensão UEFS**, v. 2 n. 1, 2020. Acesso em: 5 set. 2025.

SOUZA, Jusamara. Contribuições teóricas e metodológicas da sociologia para a pesquisa em educação musical. **Encontro Anual da Associação Brasileira de Educação Musical**, v. 5, p. 11-39, 1996.

SOUZA, Jusamara. **Música em projetos sociais**: a perspectiva da sociologia da educação musical. In: Souza, Jusamara (Org). *Música, educação e projetos sociais*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2014.

SOUZA, Jusamara. Música, educação e vida cotidiana: apontamentos de uma sociografia musical. **Educar em Revista** [online]. Curitiba. n. 53, p. 91-111, jul/set. 2014.

SOUZA, Jusamara *et al.* **O que faz a música na escola?**: concepções e vivências de professores do ensino fundamental. Porto Alegre: Núcleo de Estudos Avançados do Programa de Pós-Graduação em Música – Mestrado e Doutorado, 2002. (Série Estudos, n. 6.)

TAKAHAMA, Jéssica Rodrigues. **O órgão de tubos da Igreja Nossa Senhora Auxiliadora de Bagé**: contexto histórico e práticas musicais. Dissertação (Graduação em Licenciatura em Música) - Universidade Federal do Pampa, 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Tabela das EMEIs

Escolas Municipais de Ensino Infantil	Endereço	Telefone	E-mail
Anelise Abbott Ravaza	R. dos Bancários, S/N, Passo das Pedras.	(53) 3247-122 3	emeianeliseravaza@hotmail.com
Anna Moglia	Av. Visconde Ribeiro de Magalhães, n.º 3578, Santa Thereza.	(53) 3241-178 2	emefannamoglia@hotmail.com
Conceição Moreira	R. Gerônimo Mércio Teixeira, S/N, Kennedy.	(53) 3247-721 6	emeiconceicaomoreira@hotmail.com
Dr. João de Deus de Lima Galvão	R. 739, Quadra 06, S/N, Prado Velho.	(53) 3247-724 1	emeijoagalvao@hotmail.com
Dr. Luiz Maria Ferraz	Av. Tupy Silveira, n.º 3289, São Jorge.	(53) 3247-127 1	emeiluizamariaferraz@hotmail.com
Dr. Penna	Av. Salgado Filho, n.º 782, Centro.	(53) 3242-136 6	emeidrpenna@gmail.com
Filomena Kalil	R. Raul Donazar, n.º 680, Stand.	(53) 3247-197 4	emeifilomenakalil@hotmail.com
Julieta V. Balestro	R. Marinei Soares Macilha, n.º 274, Castro Alves.	(53) 3247-576 3	emeijulietabalestro@hotmail.com
Lions Clube Solidariedade	R. Tácito Reni Van Langendóc, n.º 1151, Habitar Brasil.	(53) 3241-105 7	emeilionsclubesolidariedade@hotmail.com
Manoelinha Araujo	R. Professor Miranda, n.º 1380	(53) 3242-994 2	emei.manoelinha@yahoo.com.br

Maria Alves Peraca	Travessa Carolina Correa, n.º 275.	(53) 3247-146 5	emeidocarmo@hotmail.com
Professor Analio	R. Mario Grisoli Dias, n.º 02.	(53) 3247-123 2	analioedinfantil@hotmail.com
Prof. Frederico Petrucci	R. Carlos Barbosa, n.º 1293, Getulio Vargas.	(53) 3242-038 3	emeifredericopetrucci2015@outlook.com
Prof. Iria de Jesus Machado	R. Rômulo Freitas, n.º 530, Pedra Branca.	(53) 3241-425 0	profiriadejesusmachado@yahoo.com
Prof.ª Marianinha Lopes	Av. Marcílio Dias, n.º 817.	(53) 3241-643 9	emeimarianinhalopes@hotmail.com
Professora Zita F. Vargas	R. Ponciano Maciel Maia, n.º2952 , Ivo Ferronato.	(53) 3247-109 5	emeizitavargas@hotmail.com
Senador Darcy Ribeiro	R. Anelize Abbott Ravaza, n.º3255, Morgado Rosa.	(53) 3247-188 8	emei.darcyribeiro@yahoo.com
Tanisa Franca Budó	R. Américo Silveira Dias, S/N, Camilo Gomes.	(53) 3241-122 2	tanisabudo@hotmail.com
Tia Scylla	R. Arlindo Almeida, n.º 450, Popular.	(53) 3241-108 6	emeitiascylla@hotmail.co
Tupy Silveira	R. Professor Eduardo Contreiras Rodrigues, n.º 81, Vila Gaúcha	(53) 3242-354 8	tupysilveira@hotmail.com
Zezé Tavares	Félix da Cunha, Anexo a Santa Casa	(53) 3241-017 8	emeizezetavares@hotmail.com
E.E.I Pequeno Vicente de Paulo	R. 24 de agosto, n.º 367, São Bernardo	(53) 3242-440 3	escolavicentedepaulo@hotmail.com

APÊNDICE B - Tabela das EMEFs

Escolas Municipais de Ensino Fundamental	Endereço	Telefone	E-mail
Antonio Fued Kalil	R. Osvaldo da Costa Moraes, 800 ou R. Dorotheo Lima Filho, n.º 801, Passo das Pedras	(53) 3240-7916	emef.antoniofuedkalil@bage.rs.gov.br
Antônio Sá	Estrada Coxilha do Fogo, s/n, União	(53) 3247-5335	emef.antoniosa@bage.rs.gov.br
Dr. Antenor Gonçalves Pereira	R. Gomes Carneiro, n.º 1455, Centro.	(53) 3247-1018	emef.antenorgoncalvespereira@bage.rs.gov.br
EMEP Dr. Antenor G. Pereira (Técnico)	Gomes Carneiro, n.º 1455, Centro.	(53) 3247-1018 (53) 3247-1790	emep.antenorgoncalvespereira@bage.rs.gov.br
Dr. Cândido Bastos	Av. José do Patrocínio, n.º 237.	(53) 3241-6022	emef.candidobastos@bage.rs.gov.br
Dr. Darcy Azambuja	Tenente Adriano Ferreira, n.º 581.	(53) 3240-7915	emef.darcyazambuja@bage.rs.gov.br
Dr. João Severiano da Fonseca	Rua Nice Nochi, n.º 398, Castro Alves	(53) 3242-9447	emef.joaoseverianofonseca@bage.rs.gov.br

Dr. João Thiago do Patrocínio	R. Nabor Robaina Meneses, n.º 1451, Alcides Almeida.	(53) 3247-7205	emef.joaothiagopatrocínio@bage.rs.gov.br
Dr. Nicanor Pena	Radialista Léo Llano, n.º 300	(53) 3241-0845	emef.nicanorpena@bage.rs.gov.br
Dr. Telmo Candiota da Rosa	Rua Armando Xavier Azambuja, n.º 236	(53) 3241-2343	emef.telmocandiotarosa@bage.rs.gov.br
Fundação Bidart	Av. Tupy Silveira, n.º 2046	(53) 3247-4134	emef.fundacaobidart@bage.rs.gov.br
Gabriela Mistral	R. Doutor Penna, n.º 1221, Santa Carmem	(53) 3241-4350	emef.gabrielmistral@bage.rs.gov.br
General Emílio Luiz Mallet	Dr. João Batista Fico, n.º 532, Bonito	(53) 3247-5759	emef.emilioluizmallet@bage.rs.gov.br
José Otávio Gonçalves	Av. Espanha, n.º 320, São Martim	(53) 3241-9756	emef.joseotaviogoncalves@bage.rs.gov.br
Kalil A. Kalil	R. Pedro Cândido Bittencourt, S/N, Stand	(53) 3247-5760	emef.kalilakalil@bage.rs.gov.br
Manoela Teitelroit	Melanie Granier, n.º 1199	(53) 3242-6639	emef.manoelateitelroit@bage.rs.gov.br
Mal. José de Abreu	R. Francisco Domingues Paiva, n.º 254, São Bernardo	(53) 3240-7607	emef.joseabreu@bage.rs.gov.br

Mal. Mascarenhas de Moraes	R. Adail Mércio Bittencourt, n.º2470, Mascarenhas	(53) 3241-9764	emef.mascarenhasmoraes@bage.rs.gov.br
Nossa Senhora das Graças	Gaspar Silveira Martins, n.º 506, Dois Irmãos	(53) 3247-5762	emef.nossasenhordasgracas@bage.rs.gov.br
Padre Edgar Aquino Rocha	R. São João, n.º 348	(53) 3242-8307	emef.edgaraquinorocha@bage.rs.gov.br
Padre Gemano	Av. General Mallet, n.º1115, Cristo Redentor	(53) 3247-5764	emef.germano@bage.rs.gov.br
Paulo Freire	Rua Carlos Kluwe, s/nº	(53) 3242-0446	emef.paulofreire@bage.rs.gov.br
Pérola Gonçalves	R. Lídio Collares, n.º 833, Jardim Monte Carlo	(53) 3241-9762	emef.perolagoncalves@bage.rs.gov.br
Prof. Manoel Aribeu Monteiro	R. José Antonio Santos Ferreira, n.º 1050.	(53) 3247-1255	emef.manoelarideumonteiro@bage.rs.gov.br
Professor Miranda	R. Dr. Candido Dias Borba, n.º 22	(53) 3242-7001	emef.miranda@bage.rs.gov.br
Professor Peri Coronel	R. Getúlio Sousa Pereira, n.º 150, Nova Esperança	(53) 3241-8607	emef.pericoronel@bage.rs.gov.br
Professora Creusa Brito Giorgis	Ponciano Maciel Maia, n.º 2950, Ivo Ferronato	(53) 3247-1633	emef.creusabritogiorgis@bage.rs.gov.br

Profª Maria de Lourdes Machado Molina	Rua Anelise Abbott Ravaza, n.º 335, Morgado Rosa	(53) 3247-5761	emef.marialourdesmolina@bage.rs.gov.br
Professora Reny da Rosa Collares	R. Prof. Miranda, n.º 1430, Bairro Arvorezinha	(53) 3242-9793	emef.renyrosacollares@bage.rs.gov.br
Roberto Madureira Burns	R. Cecyra Fallace Saraiva, n.º501, Ivone	(53) 3247-5765	emef.robertomadureiraburns@bage.rs.gov.br
Santos Dumont	Jackson Reed Costa, n.º 200, Getúlio Vargas	(53) 3242-8852	emef.santosdumont@bage.rs.gov.br
São Pedro	Av. Santa Tecla, n.º 337	(53) 3240-7741	emef.saopedro@bage.rs.gov.br
Téo Vaz Obino	R. Dr. Veríssimo, n.º 720, esquina R. Tiradentes	(53) 3241-1160	emef.teovazobino@bage.rs.gov.br
Vereador Carlos Mário Mércio da Silveira	R. Osmar Hidalgo, S/Nº, Prado Velho	(53) 3240-7606	emef.carlosmariosilveira@bage.rs.gov.br
Visconde Ribeiro de Magalhães	R. Emílio Guilain, n.º 201	(53) 3247-5766	emef.visconderibeiriomagalhaes@bage.rs.gov.br
EMREF Alfredo Vieira	Localidade Rural Joca Tavares	(53) 99904-030 5	emerf.alfredovieira@bage.rs.gov.br

EMREF Favorino Mércio	Localidade Rural Olhos D'água	(53) 9999-2766	Não consta
EMREF Líbio Vinhas	Localidade Rural Pedra Grande	(53) 99964-967 7	Não consta
EMREF Simões Pires	Coxilha das Flores, Palmas	Não consta	emerf.simoespines@bage.rs.gov.br
Escola Municipal de Educação Profissional Dr. Antenor Gonçalves Pereira	R. Gomes Carneiro, 1455, Centro.	(53) 3247-1018	emep.antenorgoncalvespereira@bage.rs.gov.br

APÊNDICE C - Tabela das EEEFs e EEEMs

Escolas Estaduais de Ensino Fundamental e Médio	Endereço	Telefone	E-mail
Frei Plácido	Av. General Mallet nº 1, Centro	(53)3242-5870	freiplacido13cre@educar.rs.gov.br
Waldemar Amoretty Machado	R. Alberto Pasqualini nº 651, Santa Flora	(53) 3241-7991	waldemaramorettymachado13cre@educar.rs.gov.br
Dr Luiz Mércio Teixeira	R. Monte Líbano nº 39, Getúlio Vargas	(53) 3242-1833	drluizmercioteixeira13cre@educar.rs.gov.br
Dr Arnaldo Farias	Av. Gal Mallet nº 997, São Sebastião	(53) 3242-1573	drarnaldofarias13cre@educar.rs.gov.br
Dr Mário Olive Suñe	R. Miguel Mello nº 351 Ant R 358, São Domingos	(53) 3247-4367	drmarioolivesune13cre@educar.rs.gov.br
José Gomes Filho	R. Bispo Athalicio Pithan nº 111, Vila Bruno	(53)3242-7601	josegomesfilho13cre@educar.rs.gov.br
Arthur Damé	R. Paulo Barcelos nº 250, Damé	(53) 3241-3312	arthurdame13cre@educar.rs.gov.br
Senador Getúlio Vargas	R. Princesa Isabel nº 150, Vila Ipiranga	(53)3241-1792	senadorgetuliovargas13cre@educar.rs.gov.br

Silveira Martins	R. Fernando Machado nº 1, Centro	(53)3242-3070	silveiramartins13cre@educar.rs.gov.br
Professor Justino Costa Quintana	R. Barão do Triunfo nº 670, Centro	(53)3242-4970	professorjustinocostaquintana13cre@educar.rs.gov.br
Martinho Saraiva	R. Rua Afonso Garrastazu nº 196, industrial	(53)3241-0072	martinhosaraiva13cre@educar.rs.gov.br
Félix Contreiras Rodrigues	Av. Espanha nº 00750, Tarumã	(53) 3242-4070	felixcontreirasrodrigues13cre@educar.rs.gov.br
Prof Leopoldo Maieron Caic	Av. Tupy Silveira nº 3298, São Jorge	(53)3241-4113	profleopoldomaieroncaic13cre@educar.rs.gov.br
Dr Luiz Maria Ferraz	Av. José do Patrocínio nº 1150, São Judas Tadeu	(53) 3247-1271	drluizmariaferraz13cre@educar.rs.gov.br
Nucl e Eja e CP Julieta Balestro	R. Carolino Correa nº 299, Ibaeté	(53)3241-8366	julietabalestro13cre@educar.rs.gov.br
Prof Julinha Costa Taborda	R. Piratini nº 200, Santa Flora	(53) 3241-5280	profjulinhacostataborda13cre@educar.rs.gov.br
Farroupilha	R. Barão do Itaqui nº 548, Prédio, São Bernardo	(53)3242-5561	farroupilha13cre@educar.rs.gov.br

Monsenhor Costáble Hipólito	R. Conde de Porto Alegre nº 99, Centro	(53) 3247-2644	mosenhorcostabilehipolito13cre@educar.rs.gov.br
Dr Carlos Antônio Kluwe	Av. Gen Osório nº1439, Centro	(53)3242-3870	drcarlosantoniokluwe13cre@educar.rs.gov.br

APÊNDICE D - Tabela das Escolas Privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio

Escolas Privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio	Endereço	Telefone	E-mail
Colégio Franciscano Espírito Santo	Av. General Osório nº 1254, Centro	(53)3242-3072	secretaria@cfes.com.br
Colégio Presidente Emílio Garrastazu Médici	Cantalício Barbosa nº 670, Menino Deus	(53)3242-9294	bage@fundacaobradesco.org.br
São Benedito	Av. Sete de Setembro nº 326, Centro	(53)3242-5633	direcao.esb@redeicm.org.br
Jardim de Infância Menino Jesus	Av. General Osório nº 732, Centro	(53)3242-2407	nicoli13oliveira@hotmail.com
Colégio Nossa Senhora Auxiliadora	Av. Marechal Floriano nº1335, Centro	(53)3242-5580	bgaux.secretaria@dombosco.net
Dr. Antenor Gonçalves Pereira	R. Gomes Carneiro 1455, Centro	(53)3247-1018	emefgeteco@hotmail.com
Dr. Vasco da Gama e Silva	R. Cel Pedroso nº 96, Centro	(53)3242-2969	escolavascodagamaesilva@hotmail.com
Sesquinho	Av. Barão do Triunfo nº 1280, Centro	(53)3242-7600	dbins@sesc-rs.com.br
Senac Bagé	Av. Marechal Floriano nº 1456, Centro	(53)3242-7233	senacbage@senacrs.com.br

Caminho da Luz	Av. General Osório nº 2478, Centro	(53)3242-4155	uebageense@brturbo.com.br
Esc e Jardim de Infância Cavalinho de Pau	R. Marcílio Dias nº 827, Centro	(53)3242-1593	febarbosa71@gmail.com
Doce de Leite Ltda	Av. Marechal Floriano nº 1099, Centro	(53)3242-7893	escolinhadoceleite@hotmail.com
Modelando Sonhos	R. General Osório nº 1498, Centro	(53)3242-1705	jackieliz2004@gmail.com
O Pequenino Vicente de Paula	R. Vinte e Quatro de Agosto 367, São Bernardo	(53)3242-4403	escolavicentedepaulo@hotmail.com
Sagrada Família	R. Bela Vista nº 200, Mascarenhas de Moraes	(53)3242-7321	escolinhasagradafamilia78@gmail.com
Bem Me Quer	R. dos Ferroviários nº 52, Getúlio Vargas	(53)3247-4775	Não consta
Brincarte	Av. Tupy Silveira nº 2086, Centro	(53)9993-9591	brincartebage@gmail.com
Carrocel Mágico	Av. Tupy Silveira S/N, Centro	(53)3311-4965	carrosselmagico@hotmail.com
Castelinho dos Sonhos	Av. José do Patrocínio nº 201, Jardim do Castelo	(53)9946-7373	escolinhacastelinhodossonhos@yahoo.com.br
Educarte	Av. José do Patrocínio nº 528, São Judas	(53)3240-0303	Não Consta
Jardim Auxiliadora	R. Monsenhor Costáble Hipólito nº 242, Centro	(53)3311-1777	jardimauxiliadora@hotmail.com

Pé de Moleque	R. General João Teles nº 1122, Centro	(53)9122-2288	escolinhapedemoleque@gmail.com
Pingo de Gente	R. Vinte de Setembro nº 1337, Centro	(53)9924-2743	Não consta
Primeiro Passinho	R. Félix da Cunha nº 59, Centro	(53)9927-5654	romarymon1980@hotmail.com
Sementinhas da Paz	R. Bento Gonçalves nº 329, Centro	(53)9938-2321	escolinhasementinhasdapaz@gmail.com
Turma da Alegria	R. Juvêncio Lemos nº 123, Centro	(53)8465-2978	escolinhaturmaalegria@hotmail.com
Turma do Pernalonga	R. Vinte e Quatro de Maio nº 68 E, Centro	(53)3247-7207	barcellos46@hotmail.com
Magia do Saber	Av. Santa Tecla nº 764, Getúlio Vargas	(53)9125-6110	fabyane744@gmail.com
Maria Fumaça	R. General Neto nº 361, Centro	(53)9705-8029	mariafumaca361@outlook.com
Mundo Encantado	Av. Sete de Setembro nº 439, Centro	(53)9140-0250	Não consta
Arte do Saber	R. João Manoel nº 246, Centro	(53)9135-8011	Não consta
Sesi	Av. Espanha nº 287, Centro	0800 051 8555	Não consta

APÊNDICE E - E-mail de apresentação às escolas

Prezados/as Diretores/as:

Venho, por meio desta, apresentar-me como Luiza Loreto Messias, aluna do Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), campus Bagé. Atualmente, estou em processo de desenvolvimento da primeira etapa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), cuja pesquisa tem como foco o mapeamento de pianos verticais e/ou de cauda nas instituições de ensino da cidade de Bagé/RS.

Neste sentido, gostaria de saber se essa instituição escolar possui algum piano em sua estrutura física. Caso não tenham na escola um piano acústico, podem indicar se possuem algum outro instrumento de teclado. O estudo trata-se de um levantamento de quantos pianos existem no ambiente escolar na cidade de Bagé/RS.

Fico no aguardo e esperamos retorno até, se possível, data/mês/ano

Agradeço desde já a atenção e nos colocamos à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Atenciosamente,

Luiza Loreto Messias

Acadêmica do Curso de Licenciatura em Música – UNIPAMPA

Profa. Dra. Adriana Bozzetto, orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso.



APÊNDICE F – Roteiro de Entrevistas**Roteiro de entrevista****DADOS GERAIS DA ENTREVISTA**

Nome da entrevistada:

Idade:

Escolaridade:

Contato (e-mail):

Pseudônimo escolhido:

Nome da escola:

Pseudônimo da escola:

Data de realização da entrevista:

Local de realização da entrevista:

Duração da entrevista:

Número de páginas transcritas:

I - MOVIMENTOS DO PIANO NA ESCOLA

- 1- Como esse piano chegou até a escola? Ele foi doado/adquirido? O que você sabe sobre ele?
- 2- Onde o piano costuma ficar na escola? (Ele sempre ficou no mesmo lugar ou já mudou de lugar)
- 3- Existe alguma manutenção periódica do instrumento? (afinação, condição das teclas e pedais etc.) 3.1) A escola recebe algum incentivo financeiro para a manutenção do piano?
- 4- O piano é utilizado em alguma aula ou atividade escolar? (Apresentações, atividades musicais, etc)
- 5- Algum(a) aluno(a) ou funcionário(a) já pediu para tocar o instrumento? (Se sim, poderias falar mais sobre isso)

II - POSSIBILIDADES E DESAFIOS

- 1- Você teria alguma ideia de como o instrumento piano poderia ser utilizado ou mais aproveitado na rotina escolar? Quais as suas sugestões?
- 2- Quais são os desafios para inserir ou manter o instrumento dentro da rotina escolar?
- 3- Pra você, qual a importância da música no desenvolvimento do ser humano?

Muito obrigada por sua atenção e participação valiosa para a pesquisa e deixo em aberto se desejar acrescentar mais alguma informação/sugestão.

APÊNDICE G – Termo de Consentimento

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CURSO DE MÚSICA - LICENCIATURA

**Termo de Consentimento para
uso da entrevista realizada**

(Baseado na Lei n. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998)

Pelo _____ presente _____ instrumento, eu,
_____, portadora do CPF
_____, RG _____, e-mail
_____, autorizo, sem limitação de tempo ou número de
exibições, a utilização da entrevista realizada, e posteriormente transcrita, como
colaboradora para a pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso da discente Luiza
Loreto Messias, do Curso de Música – Licenciatura, da Universidade Federal do
Pampa, campus Bagé RS. O trabalho é orientado pela professora Adriana Bozzetto.

Bagé RS, de _____ de 2025.

(Assinatura)